

BRASIL, A RECONSTRUÇÃO

**CAMINHOS PARA UM
CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

BRASIL, A RECONSTRUÇÃO

**CAMINHOS PARA UM
CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL**

MARIA PAULA CARVALHO



Editora Sulina

Copyright © Maria Paula Carvalho, 2018

Capa | *Like Conteúdo*

Editoração | *Vânia Möller*

Revisão dos originais | *Marcelo Rubin de Lima*

Revisão | *Vânia Möller*

Editor | *Luis Antonio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

C331b Carvalho, Maria Paula
Brasil, a reconstrução: caminhos para um crescimento
sustentável / Maria Paula Carvalho. – Porto Alegre:
Sulina, 2018.
334 p.

ISBN: 978-85-205-0808-4

1. Política Brasileira - Modernidade. 2. Jornalismo. 3. Ensaio
Brasileiro - Literatura. I. Título

CDU: 070
320(81)
869.0(81)-4
CDD: B869.4

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Fevereiro/2018}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Aos meus pais, João Claudio e Berenice,
que me ensinaram a diferença entre certo e
errado, e o poder da palavra “nós”.*

Sumário

9	PREFÁCIO, Albert Fishlow
15	APRESENTAÇÃO, Matthew Taylor
17	INTRODUÇÃO
23	O LUGAR DO BRASIL NO PRESENTE
31	UM GIGANTE EM TRANSFORMAÇÃO
46	CONTINUAMOS DE OLHO NA ECONOMIA
47	O sucesso da Regra do Tripé
49	Abertura, grandes reservas cambiais e o bônus do <i>rating</i> BBB
51	Outro índice revelador: carteira de trabalho
53	Tudo parecia dar certo mas, de repente, o Brasil encarou a maior crise econômica de sua história
64	Desafios e tarefas do gigante para sair da crise
82	COPA DO MUNDO E JOGOS OLÍMPICOS EM CASA
94	COMBATENDO A DESIGUALDADE — UM PAÍS RICO, COM MUITAS PESSOAS POBRES
117	NAS SOMBRAS DO MENSALÃO, O FUTURO DO BRASIL
136	Mas... “fica o dito pelo não dito...”
142	Vencendo a impunidade

149	LAVANDO A CORRUPÇÃO A JATO
182	Enterrando a cabeça como avestruz
186	FAÇA O QUE EU DIGO, MAS NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO
207	O fim da era Lula?
218	“A LUZ DO SOL É O MELHOR DESINFETANTE”
239	A queda de Dilma e o segundo impeachment
251	MOBILIZAÇÃO SOCIAL: O GIGANTE QUE VIVE EM CADA BRASILEIRO
270	O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO PASSA PELO VOTO
285	IMPrensa: FERRAMENTA DA DEMOCRACIA
298	JORNALISMO E COBERTURA DE CAMPANHA POLÍTICA
316	CONSIDERAÇÕES FINAIS
320	“Escada se lava de cima para baixo...” diz o ditado popular
327	AGRADECIMENTOS
331	REFERÊNCIAS

Prefácio

Este é um livro que vale a pena ser lido por todos. Qualquer pessoa com interesse no Brasil e nas próximas eleições presidenciais, se beneficiará ao entender melhor como chegamos a esse momento tão dramático. Isso vale para jovens e velhos, com educação avançada ou não, ricos e pobres, partidos de esquerda e de direita.

Maria Paula Carvalho busca alcançar esse objetivo ambicioso abordando três linhas importantes. Primeiro, ela conta a história do sucesso brasileiro ao alcançar uma maior taxa de crescimento econômico nos anos Lula e, em seguida, o progressivo e acentuado declínio sob o governo Dilma. Isso levou ao impeachment da presidente e à passagem da liderança ao vice, Michel Temer. Ele procurou introduzir políticas mais conservadoras usando, quando possível, a força de decretos do executivo em vez de ação legislativa.

Esperanças iniciais de avanço para um crescimento sustentável foram quebradas, justamente quando o setor agrícola, altamente produtivo, esteve combinado aos lucros potenciais devido ao acesso a vastas reservas de petróleo *off shore*. Mais uma vez, a repetida conclusão de Stefan Zweig foi ouvida com tristeza: o Brasil é o país do futuro – e sempre será.

Apesar de uma maior taxa de crescimento alcançada em 2017 – cerca de 1% – e das estimativas de futura expansão, ainda há muito a ser feito. Especialmente em relação ao aumento súbito do endividamento público nos últimos três anos e o desaparecimento do superávit primário como contrapartida dos déficits fiscais. Uma maneira eficiente de controlar o orçamento público que persiste, no lugar de aumentar os impostos.

Mudança constitucional valendo por muitos anos não é uma estratégia significativa para chegar a um resultado. Isso é especialmente verdadeiro quando se trata de princípios econômicos.

Porém, antes de encerrar essa discussão sobre um maior crescimento econômico, dois objetivos são centrais e abordados neste livro. O Brasil não pode esperar a geração de um crescimento econômico contínuo sem aumentar a sua taxa de poupança interna e sem um maior grau de abertura comercial no PIB.

O Brasil não pode depender apenas do investimento estrangeiro para alavancar todo o seu investimento. Essa é uma estratégia perigosa, que falhou em vários países. O Brasil precisa aumentar a poupança interna. Em seu nível atual, de cerca de quinze por cento, o número está bem abaixo dos encontrados em quase todos os países da América Latina, e muito atrás das economias da Ásia em expansão. Nesse momento, o aumento do estímulo ao consumo continua sendo previsto para levar a recuperação econômica, assim como fora no passado.

Isso ignora a realidade de uma infraestrutura em rápido declínio, no que diz respeito a megacidades, ao transporte, ao fornecimento de eletricidade, à infraestrutura de saneamento básico, à qualidade da educação, habitação adequada, etc. E poderíamos continuar a listar outros campos. Todas essas áreas exigem maior investimento. Além disso, porque esses investimentos são de longo prazo, a necessidade de capital está acima da média dos compromissos em curso em outras áreas, como a indústria e a agricultura.

O consumo não pode ser o motor da expansão a longo prazo, nem o foco em impostos de importação elevados e o favorecimento doméstico para atender ao setor produtivo. Mais uma vez essa é uma realidade ignorada por muitos no Brasil. Um maior resultado no comércio externo ficou limitado a recuperações cíclicas. Portanto, as atividades domésticas, as lideradas pelos investidores estrangeiros, também compartilham da sua preferência pela proteção contra as importações.

Por consequência, o compromisso do Brasil tem sido centrado excessivamente em uma proteção contínua em vez de novidade pela inovação. Para o aumento da produtividade deve haver maior acesso ao exterior, tanto para os mercados de exportação quanto para as importações, necessárias a fim de garantir a modernidade tecnológica.

Um segundo tema abordado neste livro – e muitos outros recentes – é a revitalização do controle judicial do Brasil. Começando

com uma primeira iniciativa em 2005, o mensalão, até a Lava Jato, em 2014, os tribunais e a polícia federal se tornaram, pela primeira vez, uma força ativa para erradicar a corrupção generalizada. O boom das commodities ajudou, ao fornecer recursos abundantes para serem compartilhados dentro da estrutura política; o aumento acentuado dos preços do petróleo, acompanhado das descobertas do pré-sal envolvendo a Petrobras criou uma nova fonte. E então vieram a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

A evolução da intervenção judicial foi desencadeada por um novo grupo de promotores e juízes. Muitos deles foram treinados no exterior, onde as instituições jurídicas têm uma longa história de envolvimento mais ativo. Antes, o Brasil tinha as regras, mas não capacidade de aplicação. O Ministério Público passou a ter um papel destacado.

O que é diferente dessa vez é a realidade da execução. Antes os tribunais poderiam demorar um tempo considerável até chegar a julgamentos finais. Naquele momento, as condenações se tornavam irrelevantes. Agora, as sentenças aparecem mais cedo nos processos judiciais e estipulam períodos muito mais extensos. À medida que as provas eram cuidadosamente acumuladas, empresários, políticos nomeados e autoridades eleitas começaram a contar com suas confissões de culpa para encurtar o seu encarceramento. A publicação aberta desses documentos – as delações premiadas – ampliou a abrangência dos inquéritos e rapidamente mostrou a extensão considerável de pagamentos à autoridades, em todos os níveis.

Estas informações contribuíram para o impeachment de Dilma Rousseff e a sua condenação de culpabilidade definitiva em 2016. Mas as investigações não pararam por aí. Outros nomes, incluindo os de vários ministros, deputados, senadores, governadores e prefeitos constituíram a lista dos que estavam sob escrutínio. Muitos deles foram parar na cadeia. O número total chegou a mais de duzentos. Todos os partidos políticos queriam o fim dos procedimentos de investigação. Entretanto, apesar da entrada de Temer e das promessas de frear as apurações, o assunto continua avançando, mesmo depois da substituição de Rodrigo Janot por Raquel Dodge.

De fato, uma das histórias tratadas pela autora é o caso de Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara. Desejoso de um poder ainda maior – e o alívio das investigações sobre o aumento de sua riqueza – ele foi rejeitado por Dilma. O parlamentar então trocou de lado abruptamente, articulando o impeachment da presidente. Agora ele enfrenta a prisão, expulso do Congresso e de vez em quando ameaça contar tudo o que sabe.

Esses assuntos não vão terminar antes das eleições, no final deste ano. O papel forte do Poder Judiciário é visto de forma muito positiva por quase todas as fontes da imprensa e da internet. Apesar do número de juízes nomeados pelos dois presidentes do PT, o Supremo Tribunal Federal tem mantido a sua imparcialidade. Só recentemente Gilmar Mendes parece ter defendido muitos acusados criminalmente.

A dúvida que resta é se todos os avanços jurídicos feitos nas últimas décadas, aqui focados na Lava Jato, mas estendendo-se a áreas mais amplas como a autoridade federal, falências e outros temas, vão continuar. Conforme mencionado acima, o Congresso é cauteloso de renunciar a qualquer autoridade, assim como o Executivo. Essa questão ainda não foi resolvida. E com uma eleição prevista em outubro, não haverá solução até que uma nova administração tome posse.

Maria Paula trata desta questão na última parte de sua obra. Esta é a terceira contribuição principal do livro.

Sair às ruas não funcionará, nem para a esquerda nem para a direita. Existe uma profunda diferença entre as marchas que contribuíram para a eleição de Tancredo Neves e as de junho de 2013, ou o que temos visto regularmente desde então. Agora as ruas simbolizam mais a divisão do que a unidade. O objetivo é reunir uma base em oposição à outra. Não há um tema unificador, nem mesmo uma agenda básica sobre o que deverá vir em seguida.

Não surgiu nenhum candidato verdadeiro de centro. Permanecem muitos, muitos partidos e potenciais candidatos. Parecem estar voltando atrás em vez de avançar. Líderes jovens – mas também experientes – são necessários para construir um consenso político. Mudar os nomes dos partidos e expandir o seu número não amplia o seu apelo.

Esta é provavelmente a última eleição presidencial em que a população mais jovem ainda tem a chance de determinar o resultado final. Com o declínio da taxa de natalidade, aqueles acima de sessenta anos terão um peso relativamente maior em relação ao resto. É por isso que a reforma da Previdência Social tornou-se uma parte central do diálogo político – e explica porque o Congresso não foi capaz de agir até agora.

Em meio a tudo isso, a liberdade de imprensa é uma força dominante. Muito do avanço da democracia brasileira desde 1985 deve-se ao jornalismo, tanto na mídia impressa quando na televisão. Além disso, a internet tem feito uma grande diferença em vários países, e o Brasil certamente tem sido um dos líderes nesse sentido. O que acontece agora se tornará logo conhecido por todos.

Eu concluo este conjunto de observações selecionando algumas frases do final deste livro:

A criação e o aprimoramento de diversas instituições oficiais de transparência, a participação mais efetiva da sociedade civil e o trabalho da imprensa livre e atuante são apontados como fatores decisivos para as mudanças que queremos, e eles indicam um bom direcionamento para o comportamento das futuras gerações.

Isso traz esperança a qualquer um em relação ao futuro. Por esse motivo, o livro vale também.

Albert Fishlow

Economista, professor emérito de Economia
na Universidade da Califórnia, Berkeley,
e de assuntos internacionais e públicos
na Universidade de Columbia.

Apresentação

A última década da história brasileira foi digna de novela. O país voou alto, impulsionado pela exuberância do boom das commodities, pelas conquistas do Bolsa Família, e pelo papel destacado como membro do grupo de potências emergentes conhecido como os BRICS. Desde 2013, no entanto, como se fosse protagonista do mito de Ícaro, o Brasil caiu por terra, atingido por manifestações de rua, crescimento econômico anêmico, escândalos de corrupção e o consequente descrédito de grande parcela da classe política.

Nesse livro, a experiente jornalista Maria Paula Carvalho aproveita de seu senso crítico de análise e reflexão para abordar os desafios da conjuntura atual. Com equilíbrio e usando todas as ferramentas do bom jornalismo, inclusive dezenas de entrevistas com os mais importantes protagonistas da contemporaneidade, a autora indaga sobre a situação do país após treze anos do governo do Partido dos Trabalhadores e mais de três décadas de democracia.

Para o cidadão comum, que quer saber se o Brasil sairá diferente dessa experiência traumática, a autora oferece o convincente argumento de que o Brasil está em uma conjuntura crítica, mas que pode mudar sua trajetória mediante a depuração de costumes, da reorientação de seus valores, e da busca por novas lideranças.

A autora argumenta que o país precisa reavaliar seus conceitos sobre como atingir um crescimento sustentável com avanços sociais, investimento na infraestrutura, aumento de produtividade, limpeza da política e o término das alianças entre corruptos e corruptores, que vem assaltando as aspirações brasileiras pelo crescimento.

Acabar com as distorções geradas pela corrupção – seja pelos desvios de dinheiro, os desvios de prioridades públicas ou os desvios da burocracia – se torna o principal desafio, requerendo a atuação contí-

nua dos órgãos de controle, a organização popular, a mobilização eleitoral e o desempenho ativo e responsável da imprensa nacional. A autora avalia com clareza os riscos da apatia popular, da potencial vitória de forças retrógradas, e do potencial dessa enorme democracia vencer de uma vez por todas os velhos problemas que a impedem de avançar.

Matthew M. Taylor

Professor Livre Docente, Escola de
Serviço Internacional, American University.